

Carta sobre Escrita – 17

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

Publicar. É uma palavra mágica para um jovem escritor. Por vezes entusiasmante, por vezes cheia de terror, mas sempre desejada.

Publicar é tornar público, isto é, lançar um texto do conforto desconfortável da gaveta para o perigo sedutor de dar-se a conhecer. É um salto grande, um risco. Uma aventura. Vale a pena falar sobre isso.

Publicar costuma significar ganhar a forma de um livro em papel. Mas não é uma verdade evidente. É claro que o livro em papel (hoje “livro em papel” não é um pleonasma) tem uma fisicalidade e uma imagem social que nenhum outro suporte pode oferecer a um jovem escritor. Contudo, um autor pode dar-se a conhecer de modos muito diversos: numa rede social, numa revista literária ou num jornal diário ou semanal, em folhas mais ou menos soltas e mais ou menos trabalhadas, num e-book e em formatos que agora não me ocorrem. Cada um deles tem características próprias, pelo que não é a mesma coisa vir a público de um ou outro modo.

Antes disso, porém, vale a pena dar um primeiro passo e mostrar os textos a alguém de confiança em dois sentidos: de confiança porque saberá dizer o que for necessário sem ferir, se for o caso, e normalmente é; de confiança ainda no sentido de ser competente para fazer um juízo com qualidade, coisa que um pai ou mãe ou mesmo um amigo muito próximo normalmente não são.

Ninguém é bom escritor só porque escreve. É-se bom escritor apenas quando aquilo que escreve é bom, tem uma qualidade acima da média, de preferência muito acima, muita qualidade. Para saber ajuizar do valor, é necessário conhecer qual é a qualidade média do que se publica e assim reconhecer a singularidade de uma nova voz. Sim, a singularidade, o carácter único de uma voz é que faz de alguém que escreve “um” escritor. Um, único, singular, exemplar. Repito: não é porque “eu” escrevi um texto ou um livro que ele é bom.

Normalmente, um primeiro livro não é suficientemente bom. Por isso muitos escritores maduros renegam o primeiro ou mesmo os primeiros livros que publicaram. Isto é, já não “são” do escritor que se tornaram, foram livros de um aprendiz de escritor que já foi superado, deixado lá para trás.

Para publicar um livro, é importante perceber que um livro deve ter uma unidade que lhe dê alma e uma consistência e o torne recomendável. Esta regra é ainda mais importante quando se começa. Um livro vai estar em paralelo com todos os outros livros já publicados. Vai ser comparado. É claro que pode surpreender por ser diferente do que se poderia esperar. Mas deve surpreender pela qualidade, não pelos defeitos. Também por isso é importante ler, tomar contacto com os livros com os quais o “meu” vai emparelhar ou dos quais se vai distanciar. Também nisso um amigo bem informado pode ser uma boa ajuda.

Quem quer entrar na aventura de publicar um livro tem, em resumo, três hipóteses: editá-lo por si mesmo (edição de autor), entregá-lo a uma empresa que faz da publicação de livros sobretudo um negócio rentável ou procurar uma editora que se coloca ao serviço do livro que edita e do seu autor. A edição de autor é pouco valorizada, pois não apresenta qualquer garantia. Nesse caso, um prefácio ou um posfácio de alguém com autoridade pode compensar. A edição por uma pseudo-editora, isto é, por alguém que apenas quer fazer bom negócio com o desejo e o dinheiro de pessoas que desejam muito editar um livro, tem dois problemas: o livro traz logo consigo a falta de critério da editora e a má companhia de outros livros sem qualidade, e ainda, com frequência, um mau serviço de distribuição face ao dinheiro exigido ao autor. A única solução garantida é a publicação numa editora com exigências de qualidade. Porquê? Porque se uma editora dessas publica um livro, isso significa que ele passou no exame de qualidade da editora. Se um livro é publicado no outro tipo de editora é porque não tem qualidade suficiente para ser publicado por uma editora com exigência. Percebe-se, não é? Porém, para um jovem autor, com acesso a um mercado de proximidade e disposto a trabalhar para a venda dos seus livros, uma edição de autor pode ser uma solução.

Talvez seja o momento de fazer uma pergunta que parece desnecessária. Mas publicar para quê? Esta questão supõe uma outra, prévia: escrever para quê?

Se é só para mostrar aos amigos ou afirmar-se perante pessoas sem exigência de qualidade, qualquer edição serve. Mas se a escrita quer ser um acto de intervenção no mundo, então a edição tem de fazer parte da estratégia de comunicação. Muitos autores dos PALOP que publicaram antes da independência alinharam na sua escrita ou a favor do poder colonial ou contra esse poder. Depois da independência, muitos autores refletiram a construção de uma nova identidade coletiva, outros ficaram à parte do processo. Alguns mantiveram-se muito próximo dos novos poderes, outros abriram um espaço de análise crítica face aos desmandos que sentiram nos seus países. Alguns autores trabalham mais sobre as raízes que do passado alimentam os projetos de futuro, outros olham do futuro para o presente que, desse modo, pretendem mais iluminado. E, como já se disse aqui, um escritor africano não tem de ficar fechado na escrita sobre África. Ora bem, todas as variáveis interferem na opção pelo modo de editar o livro que se tem entre mãos.

Por vezes a situação é dramática, em especial quando um jovem autor habita num país com um sistema muito frágil em termos de edição e de comercialização do livro. Aí, é mais importante inovar que desesperar. Isto é muito mais fácil de dizer que de fazer, mas precisa de ser dito. Nesse caso, o melhor é procurar à volta as possibilidades ocultas que têm de ser descobertas. O mesmo quando um jovem autor se encontra num país com pouca atenção às vozes que à partida lhe são estranhas.

O que está em causa não é o direito a publicar. Não são só os grandes autores que têm direito a fazerem-se ouvir. Mas, é preciso dizê-lo, um mau livro é um mau serviço que um autor faz a si mesmo e à sociedade. Há livros que não valem o papel que neles foi gasto. Um mau livro é uma nódoa. É lixo e produz lixo: árvores abatidas, água e tinta gastos... Quem quer ser autor de um mau livro? Ninguém. Então, por que razão há por aí tantos maus livros? Boa pergunta, parece-me.

Para terminar, um conselho que pode parecer pouco sensato: a pressa – também na edição – não é boa conselheira. Vale mais esperar para ter um bom primeiro livro ou publicar a primeira coisa que se escreveu sem qualidade? A resposta a esta pergunta depende de cada um e também define uma orientação quanto à estratégia para editar a obra que se quer vir a ter.

Mas, atenção, também é preciso arriscar. Mas saber arriscar! E nenhum autor é obrigado a oferecer uma obra prima como primeiro livro. Aliás, como se disse acima, alguns bons escritores publicaram primeiras obras que não estão à altura das suas exigências futuras. Um bom escritor também se faz com o caminho que vai subindo se não cair na tentação de ficar agarrado ao que já fez.

Para uma coisa, porém, nunca é cedo nem tarde: para melhorar a sua qualidade de escrita. Mesmo os bons escritores têm para si próprios essa tarefa como essencial. É a hora.

Maio de 2023

José Alves Jana